

RESENHA DE A *TRANSFERÊNCIA NA VEGETOTERAPIA CARÁTERO-ANALÍTICA*, DE CLÁUDIO MELLO WAGNER (*)

Amadeu de Oliveira Weinmann ¹

A tese de doutorado em Psicologia Clínica *A transferência na vegetoterapia carátero-analítica*, de autoria de Cláudio Mello Wagner, é, com certeza, uma das mais importantes contribuições recentes ao pensamento reichiano brasileiro. São muitas as razões para este entusiasmo. Cláudio submete, com absoluto sucesso, o saber reichiano ao crivo rigoroso de um dos mais importantes centros universitários do país; expõe a clínica reichiana – e a sua, em particular – em um de seus pontos mais sensíveis: o da transferência (que sempre carrega, embutida, a dimensão da contratransferência); e, finalmente, confronta a teoria e a clínica reichiana com a psicanalítica (sob a orientação de um dos mais renomados psicanalistas brasileiros, Renato Mezan), ampliando as análises que produzira em sua dissertação de mestrado, que se tornou o livro *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?*.

A estrutura da tese divide-se da seguinte forma: um longo capítulo inicial, apresentando a teoria e a clínica reichianas e confrontando-as com a psicanálise freudiana; um segundo capítulo, onde Cláudio faz uma revisão do conceito psicanalítico de *transferência* e expõe sua concepção original a respeito dos *aspectos econômicos da transferência*; e um capítulo final, no qual apresenta e discute o material clínico que dá sustentação a suas proposições, aprofundando as reflexões teóricas realizadas e levantando suas virtudes, impasses e contradições.

Partindo da premissa de que o público acadêmico desconhece o saber reichiano, o autor propõe-se a realizar uma exaustiva revisão da obra de Wilhelm Reich. Apresenta os conceitos fundamentais da *economia sexual* – sexualidade, desenvolvimento psico-sexual, genitalidade, função do orgasmo e caráter –, procurando demonstrar como os mesmos são tomados por Reich desde sua formulação na estrutura conceitual psicanalítica e re-significados a partir de uma perspectiva singular que não necessariamente contradiz a original. Desta perspectiva, Cláudio destaca dois aspectos cruciais: “Sua preocupação inicial é com a comprovação biofísica da dimensão psíquica das teorias psicanalíticas (preocupação com os aspectos econômicos das teorias

(*) Artigo publicado na *Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS*, Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 52-58, dez., 2000.

¹ Psicoterapeuta reichiano (CRP: 07/09371), especialista em Clínica Psicanalítica e doutor em Educação.

psicanalíticas)” (Wagner, 2000: p. 5); e as implicações sócio-políticas que Reich extrai da teoria freudiana da sexualidade.

Estas implicações estariam no centro dos acontecimentos que culminaram na exclusão de Wilhelm Reich do movimento psicanalítico (Wagner, 1996). Entretanto, a abordagem psicofisiológica que caracteriza a *teoria do orgasmo*, embora contemplasse um anseio (ambivalente) de Freud de estabelecer a psicanálise em bases científico-naturais, também não será absorvida pela teoria psicanalítica. Cláudio justifica a rejeição destas teses a partir da confluência dos seguintes fatores: “Do ponto de vista teórico, aceitar a função do orgasmo poderia significar, para Freud e para a psicanálise, rever a hipótese de uma pulsão primária de morte (...)”; “Do ponto de vista institucional, poderia significar o aval para a aplicação desejada por Reich da psicanálise em escala social”; “Do ponto de vista da prática clínica, poderia resultar em uma técnica que buscasse ‘a ferro e fogo’ o restabelecimento do reflexo orgástico, perdendo-se com isso o caminho de acesso ao inconsciente pela via da associação de idéias” (Wagner, 2000: p. 42-3).

Depreende-se, das análises expostas acima, que o jogo estava sendo decidido no campo da *teoria das pulsões*, isto é, nas fronteiras entre o psíquico e o somático. Dependendo das concepções adotadas por cada autor acerca deste tema, decorrerão diferentes perspectivas clínicas e sociais. Cláudio demonstra como a *análise do caráter* não refuta a regra fundamental da psicanálise – a da *livre associação*; ao contrário, propõe formas precisas de lidar com as resistências que a dificultam. No entanto, ao sugerir uma meta para o tratamento – o restabelecimento da *potência orgástica*² – e vincular-se a uma crítica da cultura – a proposta de uma *revolução sexual* – a análise do caráter entrará em choque com a tendência, dominante no interior do movimento psicanalítico, de abandono da *teoria da libido* rumo a uma *psicologia do ego* adaptacionista em relação à sociedade vigente³.

Tendo apresentado a economia sexual – suas linhas de continuidade e seus pontos de ruptura em relação à matriz psicanalítica – como base de sustentação teórica da clínica reichiana, o autor passa a analisar a *vegetoterapia carátero-analítica*. Cláudio define esta abordagem como sendo “(...) uma técnica psicoterapêutica que associa o trabalho corporal (vegetoterapia) ao trabalho interpretativo verbal (análise do caráter)” (Wagner, 2000: p. 66) e “(...) uma prática psicorporal que considera a transferência como o pivô do tratamento psicoterapêutico” (idem: p. 9). Justifica a opção por esta denominação, em detrimento do termo *orgonoterapia* – proposto por Reich (1989: p. 319-

² E não do reflexo orgástico – que só foi descoberto em 1935 (Reich, 1994: p. 14) – como afirma, acima, o autor.

20), a partir da descoberta do orgone, com o intuito de evitar a dicotomia psicofísica que o termo anterior continha e a possível confusão com vegetais, que poderia ocorrer em alguns idiomas –, por entender que falta material bibliográfico disponível acerca desta última (especialmente material clínico)⁴ e por julgar possível que, no período orgonoterapêutico, Reich “(...) tenha realizado um trabalho eminentemente corporal, acreditando poder restabelecer a saúde total do paciente agindo apenas sobre o corporal” (Wagner, 2000: p. 79).

Cláudio realiza uma minuciosa investigação dos escritos de Wilhelm Reich, visando a descrever como foi-se dando a passagem da análise do caráter para a vegetoterapia carátero-analítica. O autor assinala que, em *Contato psíquico e corrente vegetativa* (Reich, 1989: p. 259-317), redigido em fevereiro de 1935 (elaboração formal da comunicação apresentada por Reich no XIII Congresso Psicanalítico Internacional, em agosto de 1934), já estão presentes os conceitos de *corrente vegetativa* e de *couraça muscular* (equivalentes somáticos do conflito psíquico), bem como a noção de *identidade funcional entre atitude de caráter e expressão corporal*; entretanto, demonstra que o trabalho clínico ainda era eminentemente analítico: o paciente deitado no divã, associando tão livremente quanto lhe permitem suas resistências, e o analista interpretando suas defesas caracterológicas e atitudes corporais correspondentes. Através da análise da correspondência e de outros textos de Reich, Cláudio afirma:

A primeira vez em que vemos Reich chamar seu novo procedimento clínico de vegetoterapia, é para lamentar a publicação de um artigo contrário a sua nova técnica corporal, em 27 de outubro de 1937 (Wagner, 2000: p. 57).

Será no artigo *Reflexo orgástico, atitude muscular e expressão corporal*, de 1937 “(provavelmente reescrito, para compor o capítulo VIII de *A função do orgasmo*, de 1942)” (Wagner, 2000: p. 58), que Reich apresentará sua nova abordagem terapêutica. No texto reformulado, encontra-se o que para Cláudio representa o ponto crucial da concepção clínica de Wilhelm Reich; por isto, penso que cabe a citação:

(...) a identidade entre a couraça de caráter e a couraça muscular tem uma recíproca. As atitudes de caráter podem ser dissolvidas pela superação dos encorajamentos musculares exatamente como as atitudes

³ Não quero com isto negligenciar as possíveis repercussões negativas, apontadas por Freud, decorrentes da influência de metas (modelos ideais) e de ideologias no trabalho analítico.

⁴ O autor sustenta que o artigo *A cisão esquizofrênica* (Reich, 1989: p. 357-446) refere-se a um atendimento realizado no período vegetoterapêutico (Reich atendeu regularmente à paciente entre 1940/42) e que apenas o relato do caso (1948) pertence ao período orgonoterapêutico.

musculares podem ser dissolvidas pela remoção das atitudes de caráter. Uma vez que a força da vegetoterapia muscular haja sido experimentada, há tentação de abandonar o trabalho simultâneo nas incrustações do caráter e concentrar-se somente na vegetoterapia. Mas a experiência prática logo nos ensina que é tão inadmissível excluir uma forma de trabalho quanto a outra. Com um paciente, o trabalho na atitude muscular predominará desde o início, enquanto com outro o trabalho sobre as atitudes do caráter será enfatizado. Encontramos também um terceiro tipo de paciente com o qual o trabalho no caráter e o trabalho na musculatura prosseguem em parte simultaneamente e em parte alternadamente (Reich, 1994: p. 274).

Cláudio nos deixa como legado a responsabilidade de pesquisarmos como foi-se dando a transição da vegetoterapia de análise do caráter para a orgonoterapia. Quando Reich teria utilizado este termo pela primeira vez?⁵ A nova denominação implica, necessariamente, o abandono da consideração dos processos psíquicos envolvidos e, especialmente, do manejo da transferência? O artigo *A linguagem expressiva da vida* (Reich, 1989: p. 319-55), de 1948, talvez seja o principal texto publicado acerca da orgonoterapia; entretanto, de fato não apresenta material clínico. Mas encontram-se relatos de atendimentos dispersos em outras publicações de Reich, como na *Biopatia do câncer*, também de 1948; e não vejo motivos para que se descarte *A cisão esquizofrênica* como fonte para o estudo da clínica orgonoterápica – o caráter híbrido deste texto, devido às discrepâncias teórico-clínicas (cujas dimensões ainda necessitam ser avaliadas) existentes entre o momento do atendimento e o do relato do caso, tornam este material de excepcional valor para compreendermos como foi-se processando a transformação da concepção clínica de Wilhelm Reich. Uma pesquisa minuciosa no *Orgone Energy Bulletin*, e em outras publicações editadas por Reich nos Estados Unidos, também poderia ajudar a iluminar esta questão.

Em sua análise da transferência, Cláudio recupera os aspectos fundamentais deste conceito, demonstrando que é em torno da resolução desta questão que reside toda a problemática de um tratamento psicanalítico. Com fino humor, resume a importância da transferência em psicanálise da seguinte forma: “*em psicanálise nada se cria, nada se perde, tudo se transfere!*” (Wagner, 2000: p. 108). Havendo discutido os aspectos dinâmicos (relativos aos conflitos entre representações, que resultam no recalçamento de uma parcela significativa da vida psíquica) da transferência, o autor interroga-se: “de onde vem tanta força, energia e necessidade de se transferir?” (idem: p. 118). Para quem conhece a metapsicologia freudiana, torna-se evidente que Cláudio está perguntando pela

⁵ No prefácio à 2ª edição de *Análise do caráter*, redigido em 1944, Reich já se refere à orgonoterapia.

dimensão *econômica* – relacionada à questão das magnitudes de excitação envolvidas nos processos psíquicos – da transferência.

Para abordar este aspecto, o autor lança mão do conceito freudiano de *pulsão*, propondo que o pensemos como o representante (sinalizador) das tensões orgânicas que exercem pressão sobre o aparelho psíquico. Assim posto – conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, de acordo com Freud –, conclui-se que, em última análise, são as excitações pulsionais – constante e irreprimivelmente produzidas, desde suas fontes somáticas – que carregam de energia as representações recalçadas, impelindo-as em direção à consciência e à motilidade, visando a um processo de descarga. Em contrapartida, deste mesmo caudal pulsional o ego retira a energia de que necessita para a realização de suas operações defensivas. Deste conflito, origina-se a tensão psíquica (angústia), que conduz à produção de sintomas (Freud), como via de escape da excitação represada, ou à constituição do caráter (Reich), como forma de absorção desta mesma energia.

Cláudio afirmará que o estabelecimento da transferência, no tratamento, cumpre a função de aliviar a tensão resultante do conflito psíquico, isto é, constitui-se em uma modalidade de descarga da excitação represada. Este fato confere ao processo transferencial a sensação de *intensidade* e de *atualidade* que o caracteriza. Ao produzir uma equivalência inconsciente entre o terapeuta e seus objetos infantis, o paciente passa a buscar, junto ao seu analista, a gratificação almejada. Disto decorre o princípio fundamental do manejo psicanalítico da transferência, qual seja, o da *abstinência*. Com esta noção, Freud assinalava que o investimento realizado pelo paciente na pessoa do analista deveria ser eticamente utilizado por este no sentido de que o paciente produzisse um trabalho psíquico⁶ que possibilitasse a resolução simbólica de seus conflitos. Partindo destas premissas teóricas, Cláudio postulará que a intervenção corporal reichiana

(...) pode favorecer a análise da transferência (e, conseqüentemente, o processo analítico) ao incrementar as tensões pulsionais psíquicas – como decorrência das excitações somáticas provocadas pela movimentação corporal – aumentando a carga afetiva das representações mentais e tornando-as, por isso, mais facilmente perceptíveis pela consciência (Wagner, 2000: p. 136).

Esta afirmação geral – que, no meu ponto de vista, sintetiza as concepções do autor – precisa ser analisada sob diferentes enfoques. Penso que não é por acaso que Cláudio diz que a intervenção corporal *pode* favorecer a análise da transferência; para

⁶ Nesta perspectiva, a excitação represada seria consumida na realização deste trabalho.

que isto de fato ocorra, faz-se necessário que esta intervenção oriente-se por critérios clínicos bem definidos, afinal “(...) o trabalho corporal não elabora nem dissolve por si só a transferência ou qualquer outra questão surgida no processo psicoterapêutico” (Wagner, 2000: p. 165). Para que produza os efeitos almejados, a abordagem corporal tem de ser conduzida levando-se em consideração os aspectos transferenciais envolvidos, tanto no que diz respeito à escolha e proposição da intervenção⁷ (e, até mesmo, se será feita uma proposta neste sentido), quanto no tocante ao trabalho de elaboração da experiência.

Um outro ponto assinalado por Cláudio é o de que o incremento das tensões pulsionais psíquicas e, conseqüentemente, da carga afetiva das representações mentais não pode ser atribuído, exclusivamente, às excitações somáticas provocadas pela movimentação corporal. A presença do terapeuta, através do seu olhar, do seu toque e da proposição de movimentos, é outra poderosa fonte de excitações para o paciente. O quanto esta presença – que, na clínica reichiana, é muito mais ativa que na psicanalítica – situa-se como *resistência à elaboração da transferência*, isto é, como possibilidade de *gratificação erótica substituta*, é outra questão decisiva a ser enfrentada. Cláudio reconhece este fato no momento em que afirma que “(...) o trabalho corporal, quando bem empregado, escapa do campo da *atuação* e se transforma em *atividade* convergente na elaboração da transferência” (Wagner, 2000: p. 11). Este bem empregado, que distingue o que é da ordem de uma atuação inconsciente (não apenas do paciente, mas sobretudo do terapeuta), do que consiste em uma atividade norteada para a elaboração da transferência, parece-me decorrer da aplicação consistente do princípio freudiano da abstinência. Com certeza, este é um dos temas mais controversos na clínica reichiana, uma vez que esta se caracteriza não apenas por uma maior atividade que a psicanalítica, mas também por uma maior informalidade. Entretanto, não penso a abstinência como rigidez afetiva (ou neutralidade, impessoalidade, etc), mas como a capacidade do terapeuta de produzir um distanciamento em relação as suas próprias fragilidades narcísicas (o que pressupõe que estas já tenham sido suficientemente trabalhadas), de modo a permitir que o paciente enfrente seus conflitos sem o terapeuta envolvê-lo, ainda que inconscientemente, na gratificação de suas questões mal resolvidas.

Por fim, penso que, para Cláudio, o desencouraçamento biofísico não possui um fim em si mesmo – por exemplo: o restabelecimento do reflexo orgástico. De acordo com Wagner (2000: p. 139): “a *experiência corporal é (ou deveria ser) proposta com um objetivo específico: aumentar a percepção do conflito*”. Ou seja, afrouxar a contenção

⁷ Senti falta, na maior parte dos fragmentos clínicos com os quais o autor ilustra suas proposições, da exposição dos motivos que o levaram a sugerir as intervenções corporais realizadas.

somática da excitação não é suficiente; tampouco liberá-la de modo catártico. Faz-se necessário o delicado trabalho de ajudar o paciente a recuperar o *contato psíquico* com esta excitação – o que implica em uma dolorosa percepção de seus conflitos – para que se torne possível a resolução dos mesmos.

Espero que esta resenha seja um aperitivo que estimule o leitor a banquetear-se com o belo trabalho de Cláudio Mello Wagner; afinal, embora a transferência seja um processo central na clínica reichiana, ainda temos muito poucos trabalhos publicados a este respeito (a SWR/RS possui uma cópia desta tese, doada pelo autor e disponível aos interessados).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A função do orgasmo.* 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

WAGNER, Cláudio. *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.

_____. *A transferência na vegetoterapia carátero-analítica.* 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.